

# Pesquisa em Debate

**TROTSKISTAS NAS PRISÕES DE VARGAS (SÃO PAULO, 1931 – 36)<sup>1</sup>**

**TROTSKYIST IN PRISONS OF VARGAS (SÃO PAULO, 1931 – 36)**

**Alzira Lobo de Arruda Campos**

Livre docente pela Unesp e professora da Universidade São Marcos

**Liana Sálvia Trindade**

Livre docente pela USP e professora da Universidade São Marcos

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte do projeto *Polícia política e repressão nas ditaduras de Getúlio Vargas e Fulgêncio Batista*, desenvolvido pelas universidades São Marcos e de Havana, e é baseado em: CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *“Tempos de viver”: dissidentes comunistas em São Paulo (1931-36)*. Tese de livre-docência apresentada à FHDSS da UNESP, 1998, pp. 308 e seguintes.

### **Resumo**

A Liga Comunista Internacionalista agrupou opositores de esquerda, alinhados a Leon Trotski e à Quarta Internacional. Tratava-se, principalmente, de jornalistas e operários reunidos no Sindicato dos Gráficos de São Paulo, grupo diminuto, mas de grande combatividade, que, durante a ditadura de Vargas, submeteu-se à dupla repressão representada, de um lado, pela polícia e, do outro, pelos antigos companheiros do Partido Comunista do Brasil, colocados sob a obediência partidária de Stalin e da Terceira Internacional.

**Palavras-chave:** liga Comunista Internacionalista; repressão política; ditadura de Vargas; cotidiano nas prisões.

### **Abstract**

The Internationalist Communist League brought together opponents of the left, aligned with Leon Trotsky and with the Fourth International. These were mainly journalists and workers gathered at the Union of Sao Paulo Charts, small group but very combative, that during the Vargas dictatorship, underwent double repression represented on the one hand, the police and the other by former comrades of the Communist Party of Brazil, placed under the obedience of Stalin and the party of the Third International.

**Key words:** International Communist League; political repression; the Vargas dictatorship; daily life in prisons.

Como reflexo direto da luta travada entre Stalin e Trotski, o Partido Comunista do Brasil experimentou uma forte dissidência interna, que levou à expulsão dos trotskistas, em 1930, e ao seu agrupamento na Liga Comunista Internacionalista. Tratava-se de uma “liga” e não de um partido, pois os dissidentes consideravam-se os legítimos representantes da classe proletária e os depositários fiéis do marxismo-leninismo, traídos, segundo eles, por Stálin. Os proto-trotskistas, como passaram a ser conhecidos, arregimentaram-se em torno de Trotski (tratado pelo codinome “Ogum”) e da Quarta Internacional, formando um agrupamento pequeno, mas de grande combatividade, que se viu colocado, como um sanduíche, entre a polícia política e os antigos camaradas do PCB. Sujeitavam-se, dessa forma, a uma dupla repressão, pois os comunistas os viam como “renegados”, proibindo, internamente, todos os contatos com eles, e, externamente, delatando-os à polícia. Como base fundamental de atuação, os dissidentes do Partido contavam com o Sindicato dos Gráficos, que reunia jornalistas e demais operários da imprensa paulista.

A ascensão de Vargas ao poder, em 1930, acarretou conseqüências funestas aos revolucionários de esquerda, que se organizavam em diversas correntes: os comunistas do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da Liga Comunista Internacionalista (LCI), os anarquistas e os socialistas revolucionários. Em São Paulo, o aparelho repressor, institucionalizado pelo Gabinete de Investigações, a partir do ano de 1906, reduziu a luta proletária a escombros, obrigando as lideranças a concentrar esforços na defesa dos prisioneiros. A Delegacia de Ordem Social, encarregada de neutralizar os “agitadores de massa”, encarcerou milhares de pessoas, que ficavam a sua disposição, amontoadas com presos comuns em “cubículos infectos, de dimensões irrisória”, nos xadrezes do Gabinete de Investigação.<sup>2</sup> Todos os encarcerados estavam sujeitos à incomunicabilidade completa com o mundo exterior, mesmo com advogados e pessoas de sua família, a espancamentos e torturas contínuas, quando não eram sumariamente condenados a trabalhos forçados.<sup>3</sup> O Socorro Proletário, criado com fins humanitários, tentava atender aos encarcerados, mas, dominado pelo PCB, não se estendia aos trotskistas.

---

<sup>2</sup> O Gabinete de Investigações, formado pelas Delegacia de Ordem Política e Delegacia de Ordem Social, transformou-se, em 1924, no Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, órgão de igual natureza e atribuições.

<sup>3</sup> “O Presídio Político da Ilha dos Porcos”. *Homem Livre*, 3/1/34, p. 3.

De setembro de 1931 em diante, a liga viveu o paroxismo da primeira onda de prisões — das diversas que enfrentou —, e que acabaram por levá-la ao aniquilamento. Os encarceramentos dos liguistas ocorreram logo nos primeiros meses da existência da LCI. O seu primeiro secretário-geral, Aristides da Silveira Lobo (codinome: Fernando), de 12/12/30 (data de seu retorno a São Paulo) a 12/9/31, esteve sujeito a perseguições policiais e prisões contínuas. Os arquivos policiais registram que ele foi preso nos dias 23 de março, 26 de maio, 4 de julho, 1.º de agosto e 12 de setembro de 1931, além de “inúmeras outras vezes” naquele mesmo ano.<sup>4</sup> Victor Pinheiro (codinome: Alvez), outro quadro importante da LCI, foi aprisionado pelo menos por duas vezes, no ano inicial da existência da liga. Osvaldo Chateaubriand, colega de jornalismo de Víctor Pinheiro, denuncia a situação desesperadora dos prisioneiros políticos no artigo "Como no tempo do velho Cambuci":

Há cerca de uma semana a polícia resolveu deter alguns rapazes comunistas, creio que mais ou menos vinte, e em seguida os remeteu à volúpia reacionária do dr. Batista Luzardo. Entre esses apóstolos de Lenin está incluído um companheiro nosso, que se preza do seu credo e não faz mistério de teoricamente cultivá-lo. Lê os seus livros, debate as suas idéias e trabalha honradamente para ganhar o pão. Não me consta que ele seja um criminoso de qualquer espécie. Arrebanhando-os clandestinamente e até com surpresa /.../ a polícia revolucionária, a que queria viver à vista de todo mundo, está na obrigação de explicar os motivos por que conserva em prisão esses moços, que lhe aparecem aos olhos vigilantes como famigerados instrumentos da Rússia sonhadora. /.../ Mas dirá o libertador reacionário da chefatura de polícia carioca que estamos em plena ditadura e que o regime é o da madeira e do braço forte. De fato, nada se opõe a esse argumento que é de natureza irresponsável. /.../ Perguntarão, todavia, os que ouviram o palavreado fofo do dr. Luzardo no consulado Washington Luís, porque é que se quebrou em São Paulo o Cambuci, porque se expuseram à visita pública os seus instrumentos de suplício e de que valeu o nosso protesto contra a prisão de Antunes de Almeida, Josias Leão e Trifino Correa? Tudo foi

---

<sup>4</sup> Prontuário n.º 37, v. 2, doc. 142. *DEOPS/SP*.

uma farsa. Quando o delegado Laudelino de Abreu trancafiou na enxovia aqueles rapazes, não cometeu atentado maior à liberdade do que a que está perpetrando o dr. Luzardo em relação a Vítor e os seus companheiros de infortúnio. Não é de mais repetir ainda uma vez que o que não presta no Brasil é justamente a raça, mofina e dissoluta." <sup>5</sup>

Chateaubriand refere-se à destruição do presídio do Cambuci, por populares revoltados com a terrível situação dos presos ali abrigados. A menção à “raça, mofina e dissoluta” era lugar comum dos pensadores de direita da época. Ao mesmo tempo, informamos sobre a curta duração das esperanças depositadas na Revolução de 1930, pelas correntes liberais e de esquerda do país.

As prisões continuaram a atingir os revolucionários. Antônio Manoel Ribeiro, um tipógrafo agitador da greve dos gráficos, foi preso em 20/3/31, quando distribuía o jornal *Trabalhador do Brasil*. Donos de bancas de venda de jornais subversivos sofreram o mesmo destino. Do prontuário de Antônio Manoel Ribeiro consta informação reservada sobre a "Lista de subscrição n.º 24" em favor de Manoel Medeiros, obrigado a fazer uma estação de cura em Campos de Jordão, o que significou o afastamento de mais um valoroso membro da LCI.<sup>6</sup>

Jayme Adour da Câmara, jornalista e diretor-gerente da Agência Brasileira Telegráfica, foi apontado como o intelectual comunista que se informara previamente das prisões programadas pelo Gabinete de Investigações, e que passara essa informação a Corifeu de Azevedo Marques. Esse fato, anotado em sua ficha, no dia 7/4/31, prenunciou a sua prisão e a de seu amigo. Provavelmente por tal motivo, Adour da Câmara refugiou-se na cidade de Duartina, onde foi descoberto por meio de uma denúncia exarada pelo padre Francisco de La Torre Lucena, durante o sermão da missa dominical, acontecimento que vem a confirmar a colaboração da Igreja com a polícia política de Vargas.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> "A Pedidos", transcrito do *Correio da Tarde* de 10/9/31(?). *Diário da Noite*, 11/9/? (31), recorte constante do prontuário de Vítor Pinheiro, n.º 441, v. 1, f. 2. *DEOPS/SP*.

<sup>6</sup> Prontuário n.º 77, fls. 8-9. *DEOPS/SP*.

<sup>7</sup> Portaria do Delegado de Polícia de Duartina. Prontuário de Jayme Adour da Câmara, n.º 7, f. 40. *DEOPS/SP*.

O inquérito aberto para verificar o informe sacerdotal dá conta da situação de cerco na qual viviam os trotskistas. A primeira testemunha a depor foi o integralista Arthur Pacífico Garbine. De fato, diz ele, o padre La Torre mandou chamá-lo em sua casa, certa noite, a fim de lhe perguntar sobre a filiação política do dr. Jaime. Garbine tinha visto na casa de Adour da Câmara uma porção de livros comunistas, e também livros de Plínio Salgado, "porém intactos e sem terem sido lidos, apesar de ter autógrafo de Plínio Salgado". Dos livros existentes em poder do denunciado, e escritos por escritores russos, não chegou o declarante a examinar se eram de propaganda comunista ou apenas de literatura. O padre também prestou declarações: ele de fato havia verberado o comunismo, pois procurava combater o comunismo em suas práticas, por mais de uma vez; porém, não podia precisar sobre a existência do comunismo em Duartina, e nem individualizar qualquer comunista. Manoel Salustiano Cavalcanti, outra testemunha, informa que na cidade de Duartina, no mês de outubro, fora organizada uma comissão para cooperar com a Defesa Social Brasileira, em repressão ao comunismo, comissão essa de que o depoente era presidente. João Nunes Dias, também na qualidade de testemunha, declara que não sabia da existência de nenhum comunista praticante em Duartina, porque se soubesse o seu primeiro ato seria procurar a delegacia de polícia, a fim de denunciar o fato.

A última anotação da ficha de Jayme Adour da Câmara refere-se ao ano de 1932, quando foi entrevistado pela *Folha da Noite* na qualidade de feiticeiro-mor da Sociedade Pró-Arte Moderna.<sup>8</sup> Aparentemente, Adour da Câmara abandonou o trotskismo em busca de lugares mais seguros, diante da perspectiva de prisão iminente.

João da Costa Pimenta foi detido em 4/4/31.<sup>9</sup> Corifeu de Azevedo Marques foi preso em 28/5/31, por ter provocado grande agitação entre os elementos do Bureau Regional do PC, do qual era secretário, provavelmente seguindo a tática da liga de combater a "burocracia dirigente" no seio do próprio partido. Em 1/8/31 foi novamente preso, com Aristides Lobo e

---

<sup>8</sup> Prontuário citado, f. 39-37.

<sup>9</sup> Prontuário n.º 217, *DEOPS/SP*.

Paulo de Lacerda, no Largo da Concórdia.<sup>10</sup> Aproximadamente um mês depois, em 20/9/31, seguiu para o Rio Grande do Sul, a bordo do navio Annibal Benévolo.<sup>11</sup>

Em 4/7/31, Aristides Lobo e o "ex-gráfico Mário Dupont, que estava em sua companhia, caíram na rede policial, durante batida realizada na casa de Olga Pandarsky"<sup>12</sup>. Olga e seu "amante" Mark Pandarsky, agentes do Comintern, transferiram-se de Montevidéu para o Brasil, por determinação do Bureau Sul-Americano.<sup>13</sup> No Brasil, Olga tornou-se membro do Comitê Central do PCB. Na residência dos Pandarsky, foi apreendido um registro com o nome das pessoas que deveriam ser procuradas pelos "terríveis embaixadores", e algumas que precisavam ser evitadas. Por esse registro, a polícia passou a guiar suas diligências e a efetuar muitas prisões, sobre as quais mantinha "grande reserva".<sup>14</sup> A polícia registrou que Olga deixara sua filha, de quatro anos, com a mãe, na Rússia e que chegara ao Brasil em 27/1/31. É provável que seus contatos com Aristides Lobo tivessem se iniciado em Montevidéu e que ela, já no Brasil, recebesse orientação para se afastar do líder trotskista, pois em carta para o companheiro critica fortemente o partido — a "família". Escreve ela que os dois representantes não valem "nem um caralho": o mais importante estava em luta com o partido, e o outro, um "mulatinho é um tipo perfeito de burocrata". É muito provável que Olga se referisse a Aristides Lobo e a Mário Dupont. Além deles, Olga declara estar em briga constante com Ramon Guerrero. Quanto às relações de Mark com a "tia" (Internacional Comunista), diz Olga Pandarsky: "Enfim, tuas relações com a tia — 'eu vou cagar e tu vais limpar', e é tudo, não me parece que podem dar bons resultados."<sup>15</sup>

O DOPS informa que João Menezes, um estucador negro, fora detido ao sair da residência de "Olga Iazikoff Pandarsky, comunista que mantinha ligações com João Gerulaites e que após o movimento de 35 suspeitou-se de ser companheira de Prestes".<sup>16</sup>

---

<sup>10</sup> Prontuário n.º 37, doc. n.º 23. *DEOPS/SP*.

<sup>11</sup> Prontuário n.º 52. *DEOPS/SP*.

<sup>12</sup> A respeito, ver: CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Estrangeiros e Ordem Social*. São Paulo, 1926-1945. *Revista brasileira de História. Biografia, biografias*. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. ANPUH/Ed. Unijuí, vol. 17, n.º 33, 1997, p.p. 201-238.

<sup>13</sup> Prontuário de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, n.º 888, v. 1, f. 112. *DEOPS/SP*.

<sup>14</sup> Recorte de *Diário Nacional*, de 7/7/31. Prontuário citado.

<sup>15</sup> Tradução da carta em espanhol, de "Maria" (o pseudônimo de Olga) a Mark. Prontuário citado, f. 2. O original, manuscrito, a tinta, da carta, encontra-se no prontuário de Mark Pandarsky, n.º 895. *DEOPS/SP*.

<sup>16</sup> Prontuário de João Menezes, n.º 1.030.

Há um amplo noticiário jornalístico sobre a prisão dos Pandarsky. Olga, quando interrogada, teria explodido “com um palavreado que teria feito corar um frade de pedra. Esteve disfarçada em operária bombardeando com pedras a Superintendência da Sindicância, chefiando um grupo de mulheres”. O jornal salienta que estava sendo realizada uma “limpeza”, que começaria dentro da própria polícia, “onde se suspeita que vivam elementos ligados diretamente à terrífica associação de Moscou.”<sup>17</sup>

Os registros do *DEOPS/SP* guardam a lembrança de outras pessoas detidas com os Pandarsky, como Oscar Rodrigues da Silva, que em setembro de 1931 foi encarregado de manter ligações com o casal russo, e nessa ocasião, no momento de sua detenção, alvejou a tiros de pistola os policiais incumbidos de o deter.<sup>18</sup>

Pouco mais de um mês após a prisão dos Pandarsky e dos trotskistas citados, o Delegado da Delegacia de Ordem Política e Social relata ao Chefe do Gabinete de Investigação que no dia 1.º de agosto, às 19H30, no Largo da Concórdia,

o comunista Aristides Lobo, subindo ao coreto ali existente, tentou fazer uso da palavra, chamando em seu redor as pessoas que se encontravam no local. Apenas havia pronunciado a palavra ‘Trabalhadores’, numeroso grupo aproximou-se do local. Houve indivíduos que desfraldaram bandeiras vermelhas com dísticos e emblemas comunistas. Com a intervenção da polícia, e em virtude de ordens superiores para a não realização de comícios públicos, e o auxílio de praças de cavalaria, foi dispersado aquele grupo, com algumas detenções, inclusive a do orador.<sup>19</sup>

Às 19h30, do dia 11 de setembro de 1931, o delegado da Delegacia de Ordem Política e Social solicita ao Chefe da Seção de Identificação 12 fotos de Aristides Lobo.<sup>20</sup> Um dia após, consta ordem de remoção de Aristides Lobo e Mário Dupont para o Presídio

---

<sup>17</sup> *Folha da Noite*, 6/7/31, p. 1. Prontuário citado.

<sup>18</sup> Prontuário de Oscar Rodrigues da Silva, n.º 912.

<sup>19</sup> Prontuário n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado, doc. n.º 22, f. 63.

<sup>20</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 26, f. 66.

Político da Imigração.<sup>21</sup> A prisão não deve ter sido longa, ou o prisioneiro se evadiu, pois em 12/9/31 o Comissário do DOPS determina ao Delegado de Polícia de Sorocaba que prenda o líder comunista Aristides Lobo.<sup>22</sup>

Antônio Mendes de Almeida foi preso em 4/9/1931<sup>23</sup>, seguido, a 5/10/31, por Luciano Raguna, sócio da UTG e membro da LCI.<sup>24</sup>

Augusto Pizzuti, um pespontador "moreno", amigo de Aristides Lobo e João Menezes, desligado do PCB em 1929, foi detido em 10/10/31. À polícia declarou que se retirara do PC "em virtude de certas responsabilidades que lhe pesam, e por ter de cuidar de sua família, ficando apenas, como ainda o é, simpático do mesmo".<sup>25</sup>

O jornalista Antônio Brites dos Santos, segundo a polícia um íntimo companheiro de Aristides Lobo, a quem era muito ligado<sup>26</sup>, dado que o marcaria como membro necessário da Oposição de Esquerda, foi detido em 30 e 32, como agitador de greves e propagandista revolucionário, merecendo o seguinte comentário do agente da ordem:

sob a capa do trabalho, sob a aparência pacata que falsamente demonstram, esses elementos perniciosos aproveitam o campo facilmente impressionável das classes rudes para disseminação de suas idéias<sup>27</sup>.

Brites havia sido preso duas vezes em 1929, ao propagar a greve dos gráficos, e como redator de *O Internacional*. A última anotação sobre suas atividades de militante, tem a data de 25/10/32, ocasião em que a Superintendência de Ordem Política e Social oficia ao delegado de Santos que Antônio Brites iria para aquela cidade, a fim de retirar suas malas e roupas, para depois retirar-se do Estado de São Paulo, "conforme é seu desejo".<sup>28</sup> Em Santos,

---

<sup>21</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 25, f. 65.

<sup>22</sup> Loc. cit.

<sup>23</sup> Prontuário n.º 79. *DEOPS/SP*.

<sup>24</sup> Prontuário de Luciano Raguna, n.º 1.255, f. 10. *DEOPS/SP*.

<sup>25</sup> Prontuário de Augusto Pizzuti, n.º 47. *DEOPS/SP*.

<sup>26</sup> Comunicado dos inspetores Orestes Lascala e Joaquim A. Gentil. São Paulo, 15/11/29. Prontuário de Antônio Brites dos Santos, n.º 58. *DEOPS/SP*.

<sup>27</sup> Ofício da Polícia de Santos, de 7/7/32. Prontuário citado.

<sup>28</sup> Prontuário citado.

encontrava-se refugiado Aristides Lobo, residindo com o "comunista João de Oliveira". Ambos estiveram numa reunião da Construção Civil daquela cidade, demonstrando que as atividades políticas dos opositores de esquerda não cessavam, mesmo sob cerrado cerco policial.<sup>29</sup> Na madrugada de 21 de julho de 1932, Aristides Lobo foi detido na Associação dos Empregados do Comércio, onde, "a noite anterior, havia feito propaganda comunista". Sua entrada naquela sede já havia sido proibida pelos diretores da Associação, "em virtude da propaganda insistente de seus ideais naquele recinto".<sup>30</sup> Os trâmites da detenção compreenderam uma ordem ao carcereiro da Delegacia de Ordem Social para recolher preso Aristides Lobo,<sup>31</sup> seguida de uma outra que removia Aristides Lobo para o Presídio Político (em 29/7/32)<sup>32</sup>. O ritual continua com a "apresentação" do prisioneiro ao Diretor do Presídio Político, apoiada por um recibo pelo qual o preso Aristides Lobo, procedente da Delegacia de Ordem Política e Social, às 20 horas de 30/7/32, permaneceria à disposição da Delegacia de Ordem Social.<sup>33</sup>

Mário Pedrosa foi detido, para averiguações de "comunismo", em batida efetuada na noite de 11 de agosto de 1932. Nos dias 12 e 31 do referido mês e ano, numa evidente operação de fuga, Pedrosa foi identificado para obter passaporte sob n.º 636, a fim de viajar para a França, Bélgica e Inglaterra, não sabendo a polícia se viajara ou não.<sup>34</sup> Mais uma importante defecção, pois Pedrosa era um dos membros-fundadores da liga. Com ele, foram pegos Mary Houston, Víctor de Azevedo Pinheiro ("elemento de grande atividade e que há tempos foi remetido para o Uruguai") e Mário Dupont. Dada a escuridão e a dificuldade do lugar, outros "elementos", que a Delegacia de Ordem Social não pode identificar, conseguiram fugir naquela noite.<sup>35</sup>

Em 1934, Mary Houston foi outra vez detida, como "elemento suspeito de "trotskista", mas não foi processada.<sup>36</sup>

---

<sup>29</sup> Relatório reservado de 11/2/32. Prontuário de Ramon Guerrero Simon, n.º 390. *DEOPS/SP*.

<sup>30</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 37, f. 37.

<sup>31</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 39, f. 78.

<sup>32</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 41, f. 37.

<sup>33</sup> Prontuário n.º 1.691, doc. n.º 40, f. 76.

<sup>34</sup> Prontuário de Mário Pedrosa, n.º 2.030. *DEOPS/SP*.

<sup>35</sup> Prontuário de Mary Houston Pedrosa, n.º 2.096, doc. n.º 6. *DEOPS/SP*.

<sup>36</sup> *Loc. cit.*

Compartilhando a sorte de tantos de seus camaradas, o intelectual comunista Cid Franco, preso em 1932, escreveu ao Chefe de Polícia uma carta que teve o triste destino de ser citada numerosas vezes na propaganda anticomunista:

Da experiência da luta a que me dediquei com o maior desassombro, ficou-me, infelizmente, apenas esta certeza: é que as baixezas e os horrores humanos da política se encontram nos dois lados, tanto no proletariado, como na burguesia.<sup>37</sup>

Domitiliano Rosa, gráfico negro, foi detido em 4/7/31, durante a conferência do Ministro do Trabalho, por ter-se manifestado violentamente em seus apartes, juntamente com o grupo trotskista.<sup>38</sup> Por sua vez, o ferroviário Honório Pinto foi aprisionado nos dias 3/10/31 e 30/9/33. Havia sido expulso do partido, por "simples fraqueza", como alegou.<sup>39</sup> Mais um simpatizante da LC, o garçon espanhol Elias Garcia Sanchez, foi detido por quatro vezes entre 1930 e 1932. Era simpático às idéias comunistas pelas conversas que mantinha com Corifeu Azevedo Marques, Henrique Covre e Paulo de Lacerda.<sup>40</sup> Em 8/4/32, chegou a vez de Plínio Gomes de Mello.<sup>41</sup> Da prisão, ele pediu que lhe fossem enviados 20 ou 30\$000 e a sua capa para o Gabinete de Investigações. O bilhete manuscrito pelo prisioneiro deveria ser entregue ao "Dr. Lívio Xavier ou Dr. Nabor Caires Brito ou Dr. Miguel de Macedo", ou, ainda "a qualquer redator do *Diário da Noite* ou do *Diário de S. Paulo*".<sup>42</sup>

Como num jogo de dominó, as prisões continuavam. José Auto Cruz de Oliveira foi preso em sua residência, em 8/10/34. Na ocasião, ele era funcionário do Banco do Brasil, assim como Mário Barreto Xavier. Ambos foram denunciados ao gerente do Banco do Brasil, pela Delegacia de Ordem Social, por meio de ofício que os apontavam como comunistas-trotskistas, militando nos meios da Coligação dos Sindicatos Proletários de São Paulo,

---

<sup>37</sup> Prontuário do PCB, n.º 2.431, v. 4, f. 120. *DEOPS/SP*.

<sup>38</sup> Prontuário de Domitiliano Rosa, n.º 1.046. *DEOPS/SP*.

<sup>39</sup> Prontuário de Honório Pinto, n.º 1.263. *DEOPS/SP*.

<sup>40</sup> Prontuário de Elias Garcia Sanchez, n.º 2.032. *DEOPS/SP*.

<sup>41</sup> Prontuário de Plínio Gomes de Melo, n.º 385. *DEOPS/SP*.

<sup>42</sup> Prontuário citado.

organização ilegal, com funcionamento na capital paulista. José Auto mantinha importantes ligações com Murillo Teixeira de Mello, na residência do qual a Ordem Social encontrara, “há tempos”, importantes documentos de propaganda interna e externa do PC. Os detidos participariam de todas as manifestações públicas subversivas que havia. Em seu interrogatório, José Auto declarou que viera há dois meses da Bahia para São Paulo, havendo, há um ano e meio, desposado Rachel de Queiroz, também pertencente ao PC. Em São Paulo conhecera Murillo Teixeira de Mello, também comunista. Todos os boletins encontrados em sua residência, tinham-lhe sido dados por Lívio Xavier, com quem travara conhecimento por apresentação de um irmão desse, Mário Xavier, colega de banco. Num dia de fevereiro, ao chegar em sua residência, com Rachel, teve conhecimento de que Murillo havia trazido uma mala, a qual supunha achar-se repleta de material comunista, em virtude de Murillo ser comunista e somente conversar sobre esse assunto. José Auto declarou-se simpatizante do ideal comunista, mas que não pretendia empregar meios de ação prática ou propaganda. Quando detido negara dar o nome do proprietário da mala ou dizer onde trabalhava, somente para defender um amigo. José Auto se comprometeu na Delegacia de Ordem Social a nunca mais receber material comunista, para leitura ou para guardar. Declarou, ademais, saber que sua esposa fora detida no Rio de Janeiro, sendo logo afastada pela polícia federal e remetida para o seu Estado natal”.<sup>43</sup>

No dia 6/11/34, chegou a vez de Afonso Schmidt, detido por estar com quatro exemplares do jornal *Nossa Bandeira*.<sup>44</sup>

A colaboração entre as polícias do Brasil, Argentina e Uruguai tornava ainda mais espinhosa a vida dos membros da Oposição de Esquerda, pois estes, fugidos ou exilados para os países vizinhos, continuavam ao alcance do DOPS paulista. A esse respeito, Galeão Coutinho, jornalista do *A Gazeta*, informa que o governo brasileiro fizera sentir aos governos do Uruguai e da Argentina o perigo que representava para o Brasil as reuniões de políticos exilados em cidades daqueles países, na fronteira do Brasil.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Prontuário de José Auto Cruz de Oliveira, n.º 4.089. *DEOPS/SP*.

<sup>44</sup> Prontuário de Afonso Schmidt, n.º 11. *DEOPS/SP*.

<sup>45</sup> Informe reservado de Mário de Souza. São Paulo, 9/3/33. Prontuário de Salisbury Galeão Coutinho (Dr.), n.º 163. *DEOPS/SP*.

A perseguição policial aos comunistas e lideranças operárias está relatada em longo relatório enviado pela liga ao Secretariado Internacional. Tal relatório nos informa que após a Intentona o movimento operário foi atingido pela mais profunda e extensa fase de repressão. Os revolucionários em geral foram aprisionados, perdendo suas ligações com a massa operária. Em março de 1936, os presos depredaram as divisões de madeira do presídio Maria Zélia. Em 30 de abril, de novo se sublevaram, tendo sido dominados imediatamente, depois de terem apedrejado a direção do presídio. Os motivos foram o mau tratamento, as restrições e proibições existentes e, por fim, a suspensão das visitas aos presos. Depois da sublevação, a polícia separou os prisioneiros mais ativos. Havia muitos tuberculosos que eram enviados, para “estações” de 15 dias, à enfermaria do Presídio Paraíso, considerado pior que o Maria Zélia. Cerca de 500 presos do Maria Zélia não tinham agasalhos, camas e alimentação suficientes. Nessa situação a liga ficou sozinha na fundação de um novo Socorro Proletário, pois os socialistas recusavam-se a contribuir até para auxílio de seus militantes. Assim, não conseguia enviar mais de 100\$000 por mês. Corriam boatos de que os stalinistas resolveram liquidar o SVI (Mopr), conforme um encarregado dessa organização, numa colônia estrangeira, informara à LC. Hilcar Leite, secretário-regional, resolveu então lançar a palavra de ordem: “anistia ampla e imediata”. Getúlio Vargas, em discurso pronunciado numa manifestação popular, afirmou que os comunistas seriam isolados em “colônias agrícolas”, para redução social. Instalara-se, pois, o regime do campo de concentração no Brasil. Mas mesmo antes dessa declaração presidencial, o governo estava enviando comunistas para as colônias correcionais da Ilha Grande e dos Porcos. No seio da classe operária circulava que os estrangeiros deportados, especialmente dos países do norte da Europa, não eram enviados para os seus países, mas sim entregues às autoridades alemãs, em Hamburgo, às quais a polícia brasileira confiava a tarefa de desembarcá-los. A polícia havia deportado Ristori, ativo combatente contra o fascismo na colônia italiana, para a Itália, o que significava entregá-lo à vingança e ferocidade dos fascistas de Roma. Ristori — continua o relato — deveria ser defendido, apesar de ser anarquista.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Manuscrito de autoria de Hylcar Leite, apreendido pela polícia. Prontuário da LCI, n.º 4.143, v. 1, fls. 149-148. *DEOPS/SP*.

A LCI encetou uma campanha corajosa a favor dos presos políticos, especialmente os estrangeiros, sujeitos à pena de extradição. Continuava, é óbvio, a culpar os stalinistas pela situação vivida pela vanguarda e a classe operária: um dia, a classe operária pediria contas ao stalinismo pelos seus erros, desvios, capitulações e traições que resultaram em derrotas e fracassos da revolução. Entretanto, diante da reação burguesa, “mesmo se tratando do nosso adversário mais acirrado — o stalinismo” a liga (é Hilcar Leite a escrever) defendia com todas as suas forças os militantes operários presos. O julgamento do pedido de *habeas corpus* a favor dos presos do “Pedro I”, andara de uma vara para outra, e a “justiça capitalista decidiu de acordo com as informações do tira-mor, Filinto Muller”. Portanto, só a ação das massas poderia libertar os militantes operários presos e evitar-lhes a sorte das deportações e dos maus tratos dos presídios capitalistas. A liga denunciou a expulsão de José Vidal Geronymo, João Graatz, Fernando Gago Moreno, Moysés Kalnias, Antônio Duarte, Alexandre Wainstein, e o fato de centenas e centenas de operários e de militantes proletários jazerem nos calabouços sem nenhuma nota de culpa. Anarquistas, socialistas, sindicalistas, nacional-libertadores, stalinistas e bolcheviques-leninistas deveriam unir suas forças para libertar os militantes estrangeiros.<sup>47</sup>

A situação dos revolucionários nas prisões mereceu diversas denúncias da Oposição de Esquerda, como a citada acima. Elas informam que multidões de prisioneiros se encontravam em ilhas inóspitas da costa, nos presídios longínquos e nas masmorras das delegacias de polícia, em pleno coração da cidade de São Paulo. Acusados de professarem e propagarem idéias comunistas, anarquistas e socialistas, muitos desses prisioneiros foram barbaramente espancados e alguns pereceram em consequência dos ferimentos recebidos. A censura impedia os jornais de dizerem alguma coisa a respeito. Dezenas de trabalhadores se encontravam amontoados nos fundos das masmorras frias, sofrendo fome, suportando ultrajes sem nome, tombando mortos ou feridos em consequência dos espancamentos contínuos. João Matheus, jornalista fundador da LC, foi enviado do Rio para São Paulo, com um ferimento profundo na cabeça, depois de ter passado um mês nas grades da 4.<sup>a</sup> Delegacia da Casa de Detenção, onde o espancaram até que perdesse os sentidos. O mesmo estava acontecendo

---

<sup>47</sup> Boletim “Unamo-nos para Libertar as Vítimas da Reação Capitalista! Lutemos contra a Deportação dos Operários Estrangeiros!”. Prontuário da LCI, n.º 4.143, v. 3, f. 53. DEOPS/SP.

com Hilcar Leite, com os operários José Medina e Pedro Correa, além de muitos outros. Os operários deveriam saber de que espécie era o "socialismo da camarilha tenentista". Seria preciso reagir, por todos os meios, "reagir pela força de homens de consciência contra a força do banditismo organizado em Estado!"<sup>48</sup>

As explicações dessas prisões, além do alto grau de exposição a que se sujeitava o pequeno número de opositoristas, muitos deles envolvidos com uma militância quase suicida, residem no sistema de agentes duplos, largamente utilizado pela polícia, que foram responsáveis por numerosas traições a amigos íntimos. Não se tratava de policiais, pagos para isso, mas de pessoas comuns que viviam nos círculos de sociabilidade dos "subversivos", que eles entregavam à polícia, anotando minuciosamente as suas ações. Como observa Timothy Garton Ash, o efeito de ler esses documentos pode ser terrível<sup>49</sup>: os informantes traíam companheiros de trabalho e de partido, vizinhos, parentes, por conta de benefícios reais ou imaginários. Alguns desses benefícios ficam claros nos documentos: dinheiro, liberdade, convicções ideológicas, volúpia de trair... Uma dessas personagens tétricas, o lituano João Gerulaitis, "comunista militante no Partido Trotskista, em 1931"<sup>50</sup>, encontra-se assim elogiado pelo Serviço Secreto:

João Gerulaitis, desde fins de 1931, quando, realmente, era comunista, ligou-se a este Departamento (na época DOPS) e, nessa ocasião, gratuitamente, prestou relevantes serviços à ordem social, o que permitiu a desarticulação de importante núcleo comunista, dirigente, no setor estrangeiro, bem como a apreensão de uma bem montada tipografia dos comunistas lituanos. Desde essa época, e até a data presente, continuou ele a prestar serviços a este Departamento, de maneira útil e proveitosa.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> "O 'Liberalismo' do Governo". FLBX. CEDEM/UNESP.

<sup>49</sup> O dossiê Romeo. Arquivos secretos. Suplemento Mais! *Folha de S. Paulo*, 4/1/1998, p 3.

<sup>50</sup> Prontuário de João Gerulaitis, n.º 888, 2 volumes. DEOPS/SP.

<sup>51</sup> Informação do Serviço Secreto n.º 30.068, de 29/1/52. Prontuário de João Gerulaitis Filho, n.º 205. DEOPS/SP. Portanto, durante 21 anos - no mínimo - João Gerulaitis entregou seus companheiros às garras da polícia, o que lhe confere inusitada longevidade como "agente reservado", categoria que só tinha utilidade por dois ou três anos, segundo a opinião abalizada de Luiz Apollônio, que chefiava os investigadores especialistas na caça aos subversivos.

Gerulaitis foi cooptado pela repressão após a batida policial na casa de Mark e Olga Pandarsky, quando foi preso, juntamente com os donos da casa, Aristides Lobo e Mário Dupont, no dia 4 de julho de 1931. Em declarações iniciais, Gerulaitis denunciou, como freqüentadores das reuniões comunistas que ocorriam na casa dos Pandarsky, Corifeu de Azevedo Marques, Henrique Covre, Plínio Mello e outros, cujos nomes não se recordava no momento. Mais tarde, já em liberdade, compareceu espontaneamente à DOPS, oferecendo seus serviços.<sup>52</sup> Portanto, a prisão dos representantes da "Tcheca de Moscou" acarretou conseqüências nefastas para a Oposição de Esquerda, com a cooptação de João Gerulaites, que se transformou num agente duplo, entregando seus companheiros às forças da repressão.<sup>53</sup>

O gráfico opositor Oscar Villa Bella presta esclarecimentos preciosos sobre o processo de arregimentação de "secretas". Ele havia trabalhado durante três anos na Light, na qualidade de motoneiro, onde conseguiu grande prestígio entre os seus companheiros de trabalho. Por causa disso, a superintendência da Light fez com que ele entrasse para o Sindicato de Tração Luz e Força, onde se dizia que existiam atividades comunistas. Com isso, a Light queria utilizar-se do serviço de Villa Bella como espião. Esse, não se agradando dessa situação, procurou aprender linotipia, começando a praticar nas oficinas do *Estado de S. Paulo* e afinal conseguiu o lugar como suplente entre os linotipistas da Imprensa Oficial.<sup>54</sup>

Destino diverso foi o do italiano Vincenzo Guerriero, recrutado na mesma companhia Ligth, que tentara inutilmente cooptar Villa Bella. Um episódio da vida de Guerriero esclarece muito sobre a situação dos "krumiros"<sup>55</sup>, "reservados" ou "secretas", tão justamente temidos pelos revolucionários. Luiz Apollonio, o chefe dos investigadores encarregados da caça aos subversivos paulistas, escreve longa carta ao delegado de Segurança Política e

---

<sup>52</sup> Prontuário citado.

<sup>53</sup> Foto publicada em jornal, ilustrando a expulsão de Olga, Mark e Gerulaite. Prontuário n.º 888.

<sup>54</sup> Declarações à polícia, em 27/12/35. Prontuário de Oscar Villa Bella, n.º 1440. *DEOPS/SP*.

<sup>55</sup> Designação dada a traidores da causa proletária, isto é, companheiros de luta que se "prostituíam" às forças da reação. Cf. in: *O Trabalhador Graphico*. Órgão da União dos Trabalhadores Graphicos, ano III, n.º 21. São Paulo, 28 de fevereiro de 1923, p. 1. Microfilme.Fundo ASMOB. *CEDEM/UNESP*.

Social do Distrito Federal, procurando defender-se de acusações de integralismo e de furto de dinheiro e de bens diversos pertencentes a "seus" prisioneiros. Sigamos suas explicações.

Desde 1929, escreve Apollonio, trabalhava na Delegacia de Ordem Política e Social. Em 1932, por determinação superior, ligara-se a vários funcionários da Light and Power, com o fim de obter informações "de elementos comunistas, anarquistas, integralistas e fascistas". Naquela época, os primeiros é que "faziam sentir mais sua pernicioso atuação". Entre os que "prazerosamente" se ligaram a Apollonio, estavam Vicente Guerriero, Sebastião Vieira de Carvalho, Germano dos Santos e Antônio de Jesus. Desde aquela ocasião até pouco antes de escrever a sua carta (11/11/39), todos se entendiam perfeitamente,

sem que uma única nota dissonante houvesse. Vários e bons serviços os quatro referidos informantes prestaram à Polícia Política Paulista e, conseqüentemente, à Nação, porquanto em 1935, na ocasião em que mais intensa era a propaganda comunista no Brasil, os trabalhos realizados pelas polícias brasileiras evitaram que o nosso querido Brasil se tornasse uma filial de Moscou.

Entretanto, nuvens começaram a surgir na fraternidade "reservada", quando Antônio de Jesus foi promovido pela Light a chefe dos fiscais e inspetores, provocando "algum despeito" por parte dos demais. Com o recrudescimento da campanha contra os integralistas e fascistas, Apollonio declara ter pedido a Vicente Guerriero que lhe fornecesse notas a respeito. Ele as havia fornecido, "pois ele era 'Reservado' desta Delegacia, e o foi até há um ano, mais ou menos, quando se retirou por livre e espontânea vontade".

Apollonio declara que continuou a ser amigo de todos e a eles declarou "que não desejava perder a amizade dos mesmos", apesar de

já agora, os referidos funcionários não mais eram precisos em suas informações, pois V. S. não ignora que um 'Reservado', após algum tempo de serviço, torna-se quase inútil. Contra os quatro já existiam fortes suspeitas dos extremistas, tanto da esquerda como da direita, de que os

mesmos estavam a nosso serviço. Essas desconfianças motivaram um pedido de todos eles, a mim, há tempos, para andarem armados e com 'memoranda' da Delegacia, pois diziam, temiam qualquer ação dos comunistas. Consegui-lhes o que desejavam, assim como consegui-lhes um atestado do Sr. Dr. Inácio da Costa Ferreira, de quem foram 'Reservados' por muito tempo, atestado esse cujo original deve estar em poder dos mesmos, e a cópia respectiva em seus prontuários.

Com a prisão de Enzo Silveira, ocorreram denúncias sobre o desvio de dinheiro a ele pertencente, por Apollonio, denúncias que acabaram por motivar um processo administrativo.<sup>56</sup>

Apollonio, revoltado contra o "procedimento inqualificável" de seus subordinados, exclama que Vicente Guerriero e Germano dos Santos "compilavam, entre outros relatórios, informações a meu respeito; a respeito de outro funcionário desta Delegacia, Sr. José Gomes e, até, a respeito de pessoas de minha Família!" Denúncias que não foram as primeiras, pois Apollonio refere-se a outras, originárias de "comunistas que, a todo transe, queriam ver-me afastado do cargo que ocupo, pois certamente viam em mim e na pessoa do Sr. José Gomes, sérios empecilhos a sua nefasta ação".

O "Javert" ocasional termina com uma declaração auto-elogiosa, que dá conta da organização do aparelho repressor e do caráter de seus servidores:

Fui sempre um funcionário que cumpri à risca o meu dever. Fui sempre fiel aos vários Governos com os quais tenho trabalhado, assim como continuarei a sê-lo com qualquer outro. Como já tive ensejo de dizer, sou contra qualquer credo político importado, seja ele verde, vermelho ou preto. Poucos serviços tenho prestado, na verdade, em matéria integralista ou fascista, e isso porque, como acontece na própria Polícia Federal, especializei-me no assunto comunista. Mesmo assim, entretanto, tenho apresentado muitos relatórios a meus superiores,

---

<sup>56</sup> Infelizmente para a pesquisa histórica, esse documento desapareceu dos registros policiais, mas dada a carreira posterior brilhante do denunciado, é de se intuir que os acusadores tenham passado à situação de réus.

referentes a certas atividades fascistas e integralistas nesta Capital, relatórios esses dos quais alguns de autoria do mesmo Sr. Guerriero e outros, de outro 'Reservado' , lembrando-me, neste momento, que nos mesmos citava os nomes daqueles que, hoje, o Sr. Vicente Guerriero me acusa de ter ligações!

Evidentemente, após 1937, os ventos começaram a soprar contra os integralistas, que exerciam grande influência na polícia. O ano da denúncia, 1939, deve ter sido considerado pelos reservados de Apollonio como propício para abater o ex-chefe. A época também ajuda a explicar a profissão de fé do policial: fiel a todos os governos. Fidelidade recompensada. De simples inspetor, Apolônio tornou-se par daqueles que detinham o poder de polícia, como lemos num protesto do ano de 1936:

A polícia /.../ sob as ordens de Leite de Barros, Egas Botelho, Apolônio & Cia. inicia a deportação dos militantes proletários, presos em consequência dos acontecimentos armados de novembro último, em Natal, Recife e Rio de Janeiro. As primeiras levas de operários revolucionários já estão sendo enviadas para Santos, de onde embarcarão para a nefanda Ilha dos Porcos, /.../ onde eles encontrarão a fome, os trabalhos forçados, os maus tratos, os espancamentos, as doenças e onde serão também assassinados a bala ou à custa de sevícias.<sup>57</sup>

Mais tarde, o *know-how* de Apolônio foi aproveitado didática e teoricamente: ele se tornou professor da Escola de Polícia, ministrando cursos sobre anticomunismo e publicando obras sobre o assunto, tais como: *Métodos e táticas comunistas* (São Paulo: Tip. do Departamento de Investigações, 1949), e *Manual de Polícia Política e Social* (2.<sup>a</sup> ed. revista e ampliada. São Paulo: impresso na S.G., 1958).

Guerriero foi reservado da Delegacia de Ordem Social desde 1931 até a data da denúncia, 1939.<sup>58</sup> Quantos companheiros ele e os demais secretas teriam entregue à polícia?

---

<sup>57</sup> “Protesto Contra o Envio dos Militantes Operários para a Ilha dos Porcos!” LCI, 17/1/36. Prontuário n.º 4.143, v. 3, f. 25. *DEOPS/SP*.

<sup>58</sup> Prontuário de Vincenzo Guerriero, n.º 444, fls. 20-10. *DEOPS/SP*.

Ibrahim Nobre faz parte da imensa constelação de policiais que deixaram rastros de sangue na memória operária. Como delegado de polícia de Santos ou da Ordem Social de São Paulo, acompanhado por Luís Apolônio em ambas as cidades, a atuação de Ibrahim Nobre foi caracterizada pela violência contra os prisioneiros. Uma das numerosíssimas acusações que atingiram “o tribuno de 32” diz que ele havia recebido 300 libras para libertar o filho de um negociante sírio, e que “muitas e muitas vezes” foi visto a matar dentro do presídio.<sup>59</sup>

A derrubada dos trotskistas pelos "agentes da ordem" é assunto de numerosos registros. O reservado José Gomes, por exemplo, observa que na Imprensa Oficial havia elementos pertencentes à corrente trotskista, dos quais os que mais se destacaram pela sua atividade, até 1932, foram: João da Costa Pimenta, José Carlos Boscolo e Feliciano dos Santos.<sup>60</sup>

Um dos mais ativos "agentes reservados", de codinome "Guarany", atuava nos meios intelectuais paulistanos. Seus "informes" são inconfundíveis pelo estilo irônico, propenso a *blagues* e marcado por pedantismos literários. Provavelmente é dele o comunicado, assinado pelo reservado “X-Z”:

Para maior desgraça, ainda, de tudo que vemos, é, ou fizeram, secretário do PC desta capital, o ferroviário Mário Scott, indivíduo que pelo seu modo de se expressar demonstra não ter concluído nem o curso primário. Isto só serve para que outros estrangeiros, que se encontram no Brasil, concluam que esta terra não tem dono e que podem eles, agora, como ontem, saírem à rua, gritando ‘nóss querrremos constituinte...’ Mário Scott, em seu discurso, falou em ‘sartifação’, ‘poblema’, ‘cultura’, etc., etc.<sup>61</sup>

Ou, ainda, sobre a conferência de Caio Prado, no Club dos Artistas Modernos, quando Oreste Ristori “por oferecimento” falara após o conferencista:

---

<sup>59</sup> *O Homem Livre*, 14/8/33. CEDEM/UNESP.

<sup>60</sup> Comunicado reservado de 14/12/35. Prontuário de José Carlos Boscolo, n.º 263. DEOPS/SP.

<sup>61</sup> Relatório n.º 79, de 13/7/40. Dossiê 30-C-1, fls. 892 v.- 891. DEOPS/SP.

Como sempre o faz, foi violentíssimo em seu discurso, atacando a religião, as autoridades e tudo. Quando fala às massas esquece-se Ristori da sua perna defeituosa e investe-se até contra Deus, numa linguagem baixa e imprópria de gente que se preza.<sup>62</sup>

Outro informe reservado dá conta da eficácia e entusiasmo com que Guarany se entregava às suas tarefas. Invocando a grande confusão reinante entre a Federação Operária de São Paulo e os operários da Light, que se haviam desligado daquela organização, Guarany insiste para que o “chefe” lhe arranjasse um emprego numa fábrica de tecidos, e, embora não tivesse “autonomia para aconselhá-lo”, não achava prudente deixar Oiticica falar ao operariado de São Paulo”.<sup>63</sup>

As vítimas da repressão procuravam comunicar-se com seus companheiros em liberdade, denunciando as condições subumanas em que se encontravam. Muitos bilhetes foram apreendidos pela polícia, comprovando que a presença de traidores entre prisioneiros políticos não se tratava de simples fantasia persecutória dos encarcerados. Com data provável de 1933, há um bilhete, escrito a lápis, numa caixa aberta de cigarros, dirigida ao "Amigo Galeão Coutinho”:

Encontramo-nos presos incomunicáveis na Emigração: Capitão Guarany, diversos sargentos da 'Força', Florêncio Tejada, preso por vender o livro de Diogo Hidalgo editado pela 'Pax', João Freire de Oliveira da Editorial 'Marenglen' e mais 12 companheiros acusados de comunistas. Logo iniciaremos a greve da fome, já fomos ameaçados de chibata, ninguém até agora foi interrogado pelas autoridades. Pedimos em nome dos princípios mais comezinhos de humanidade, protestar pela imprensa contra as nossas prisões, alguns de nós têm família e diversos filhos para sustentar. Comunique Motta Lima e demais jornalistas

---

<sup>62</sup> Relatório do reservado Guarany de 6/9/33. Prontuário de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado, n.º 1.691. *DEOPS/SP*.

<sup>63</sup> Relatório do reservado Guarany de 6/4/33. Prontuário de José Oiticica, n.º 860. *DEOPS/SP*.

independentes. Esperamos ansiosos sua intervenção pela imprensa, no sentido de obter a nossa liberdade. Muito gratas, As vítimas.<sup>64</sup>

O desespero dos prisioneiros evidencia-se a cada momento. Da prisão esperam auxílio material e jurídico dos companheiros em liberdade e se impacientam com os revezes que atingiam a todos, mas incidiam, obviamente, com maior força sobre eles:

Não poderei ir amanhã, sexta-feira, ver o Hermínio. Irei sábado. Estive lá ontem. /.../ O Hermínio, aborrecido com a demora, escreveu uma carta-defesa aos camaradas Trigo, Domingues e outros que por ele se têm sacrificado. Na carta, dava a entender que o tal *habeas corpus* era tapeação, que nada se havia feito e que era melhor serem francos. O Trigo leu a carta para os camaradas, rasgou-a e atirou-a fora, desculpando o Hermínio com o natural estado de ânimo de pessoa presa há tanto tempo. Corri lá no dia seguinte e expliquei tudo ao Hermínio assegurando-lhe que ele sairia na semana atrasada. O Alvarenga assegurou-nos isso. Ora, qual a nossa surpresa quando nos referiu o advogado que o Supremo não quis julgar o *habeas-corpus*, por estar o nome do Hermínio metido num *habeas-corpus* do Socorro Vermelho para os presos da Detenção! O Tribunal ia aguardar novas informações do Ministro da Justiça! Comuniquei isso ao Hermínio. Achei-o apreensivo porque a polícia estava deportando os companheiros sem atender nem a *habeas corpus*, nem a assinaturas de passaportes. Mandeí o Trigo avisar o advogado e, daqui a pouco, irei procurar o Trigo para saber do que há. Ontem telefonei de balde ao Alvarenga. Não tenho tempo de procurá-lo. Recebi a *Lanterna* e verifiquei ter aí um saldo de 20\$000. Põe os 50\$000 para o Hermínio na minha conta do *Plebe* ou como donativo. Que me dizes das greves e do movimento de protesto aí? Os telegramas são garrafais, porém tudo lá se faz em nome da frente única sindical, isto é, vem tudo com fodor bolchevista. Será possível que pela primeira vez falem verdade? /.../ A lei monstro virá. Não tenhamos ilusões. Estou arranjando

---

<sup>64</sup> Prontuário de Salisbury Galeão Coutinho, n.º 163, f. 1. *DEOPS/SP*.

o meio de dar o fora antes que me apanhem. Vocês devem fazer o mesmo, não acham?<sup>65</sup>

A situação de horror enfrentada pelos presos políticos não impedia a ação de delatores, que continuavam a alimentar a polícia política com informações sobre atividades e amigos subversivos. Vemos, por exemplo, José Pedro Guimarães a entregar papéis que "encontrou" a 24/12/35 no escritório de Lívio Xavier ao "Dr. Gonzaga", que os remeteu à Superintendência de Ordem Política e Social. Esse agente policial residia na Rua do Lavradio, 100, Perdizes, onde ficava a sede do PC. A polícia anotou — o que dirime qualquer dúvida sobre a traição — que José Pedro Guimarães compareceria à SOPS, às 23 horas, isto é, na calada da noite, certamente para fornecer outros informes. Os documentos surrupiados relatam atividades da LC.<sup>66</sup>

A repressão que se abateu sobre os comunistas, durante e após a Revolução Constitucionalista, colocou nos mesmos xadrezes trotskistas e stalinistas. Estes, que dominavam os "coletivos" dos prisioneiros, eram em maior número e dispunham do auxílio do Socorro Vermelho, revelaram-se “verdadeiros algozes” dos opositoristas do partido.

A política do PCB relativa ao Socorro Vermelho recebeu denúncia grave. Os stalinistas, não compreendendo ou não querendo compreender o que era o Socorro Vermelho, faziam a política do burocratismo, impedindo que se respeitassem os seus estatutos e os interesses do proletariado, impedindo que os opositoristas de esquerda fizessem parte de seus quadros. Confundiam, “lamentável e criminosamente”, uma organização de massa (Socorro Vermelho, Sindicato, Comitê Antiguerreiro, Liga Antifascista, etc.), com a organização político-partidária, que possuía uma ideologia a seguir, que obedecia a determinados princípios, dentro dos quais era preciso manter absoluta intransigência. O socorro estava fraco. Não angariava roupas, nem dinheiro. Não socorria os presos, nem as suas famílias. Não promovia comícios, nem tinha forças para libertar os operários, nem para qualquer outra coisa. Era uma organização esquelética. E concluíam: para que os operários de quaisquer correntes ideológicas tivessem um aparelho de assistência, seria necessário que os

---

<sup>65</sup> Carta de José Oiticica a “Felipe”. Rio de Janeiro, 31/2/35. Prontuário n.º 860. Ms. *DEOPS/SP*.

<sup>66</sup> Prontuário de Lívio Xavier, n.º 300. *DEOPS/SP*.

burocratas stalinistas, despindo o seu vestuário de sacristia, reorganizassem o socorro, revisassem as exclusões, eliminassem, honesta e refletidamente, os detritos que o infestavam. Tão vergonhosa estava sendo a atitude dos stalinistas, que muitos camaradas do partido, por divergirem dela, não mais tiveram o auxílio do Socorro Vermelho.<sup>67</sup>

Esta situação levou a LCI a criar um “Socorro Bolchevista-Leninista”, para “socorrer, auxiliar, proteger e defender inicialmente os militantes bolchevistas-leninistas presos e em geral os operários e trabalhadores vítimas da reação capitalista que não gozam dos auxílios do SUIC (Mopr.)”. O socorro seria dirigido provisoriamente, até organização definitiva, por uma Comissão Administrativa Provisória de três membros, escolhidos pelos delegados de grupos já formados, e pelos responsáveis pelas “listas” de contribuintes. Era assegurada a mais ampla democracia interna, garantindo-se às frações a livre discussão, crítica e defesa de suas posições perante o conjunto. O SBL nortearia sua vida e seu desenvolvimento pelas teses e resoluções e estatutos institucionais do Mopr, “antes de sua degenerescência stalinista”.<sup>68</sup>

Ainda de acordo com os opositores, o PCB denunciou à polícia, em manifesto da Federação Sindical Regional, vários camaradas da Oposição de Esquerda, sob a alegação de um “dever de apontar ao proletariado os trotskistas contra-revolucionários”. A polícia, porém, que não via distinção entre um membro do partido e um aderente da Oposição de Esquerda, serviu-se da delação dos stalinistas para prender também os “contra-revolucionários” cujos nomes lhe foram fornecidos. A denúncia conta que Aristides Lobo, preso antes da delação que atingiu outros camaradas, não só esteve no Gabinete de Investigações com os operários do partido, como foi mesmo posto, apesar de doente, numa das celas de tortura ali existentes. Transferido, depois, para o Presídio Político da Liberdade, foi obrigado a passar por todos os xadrezes do mesmo, pois os stalinistas, quando não provocavam conflitos com o fim de obrigar as autoridades do presídio a determinar o seu isolamento, como “truculento” ou “indisciplinado”, chegavam mesmo a negociar com os chefes da guarda a sua transferência de xadrez para xadrez.

---

<sup>67</sup> “O Socorro e a Oposição”. *A Luta de Classe*, Ano I, V, n.º 14. Rio de Janeiro, 29/7/33, p. 4.

<sup>68</sup> LOBO, Aristides. “Anteprojeto de Estatutos do Socorro Bolchevista-Leninista”, sem data, mas provavelmente referente a 1933. Fotograma existente no *CEDEM/UNESP*.

Mário Pedrosa, cuja prisão fora consequência da ação policial dos “burocratas dirigentes”, foi igualmente transferido do xadrez em que se encontrava, em virtude de um pedido feito aos diretores do presídio por dois "chefetes stalinistas".

Durante todo o tempo da prisão dos trotskistas, os stalinistas não se limitaram "a recusar-lhes auxílio transformando o Socorro Vermelho numa organização fechada, somente para os que não hostilizam a 'linha geral': foram além, proibindo que os membros do Partido com eles palestrassem e chegando mesmo, num dos xadrezes, a aliar-se a um russo branco, cuja credencial, para merecer as boas graças dos burocratas e ingressar no 'coletivo', foi vomitar calúnias contra o camarada Trotski".

Tudo isso — são os trotskistas a falar — os stalinistas faziam para evitar que os operários do partido ficassem conhecendo a verdade sobre os seus dirigentes. Num dos xadrezes, entretanto, não puderam "os dois burocratas que ali se encontravam evitar o corpo-a-corpo teórico que tanto os apavorava". Os princípios e as idéias fundamentais da Oposição de Esquerda foram detalhadamente expostos aos operários, as "calúnias grosseiras que diariamente se fabricam contra nós foram convenientemente pulverizadas", e assim os trotskistas puderam se vangloriar de terem conseguido uma brilhante vitória: num xadrez de 20 camaradas, onde só existiam cinco da Oposição de Esquerda, conseguiram conquistar a simpatia da maioria, organizando o "coletivo" à base dos estatutos do Socorro Vermelho. Os dois burocratas, abandonados pelos operários do partido, isolaram-se inteiramente da maioria, demitindo-se do "coletivo".

A Oposição de Esquerda continua o seu relato discorrendo sobre uma decisão de greve da fome:

Em frente ao xadrez a que acima nos referimos, havia outro onde a maioria dos presos, constituída de burgueses e pequenos burgueses — 'simpatizantes', diziam eles —, era chefiada por esse insignificante místico religioso cuja celebridade é ser filho do 'ministro' e irmão do 'grande tribuno': referimo-nos ao ex-médico da Assistência Pública do Rio e não ao ex-delegado de Polícia de Batatais.<sup>69</sup> Um dia,

---

<sup>69</sup> Não são citados nomes de camaradas, mas é evidente que o jornal se refere, no caso, a Maurício de Lacerda.

como protesto contra um castigo infligido a um operário, resolveu o xadrez do importante burocrata, sem consultar os demais, decretar a greve da fome. Solidarizamo-nos, embora não fosse preestabelecido o tempo de duração da greve. Pois bem. Enquanto sustentávamos a greve, o xadrez do burocrata-mor decidiu, depois da recusa de uma refeição, abandoná-la, sem nos comunicar, traíndo miseravelmente, assim, os demais companheiros. Essa traição contribuiu para que dois elementos mais fracos do nosso xadrez não resistissem e pedissem transferência para o xadrez-refeitório. A greve foi sustentada, apenas, por 18 camaradas, durante 30 horas, isto é, depois de alcançado o seu objetivo, que era a suspensão do castigo que a diretoria do presídio decidira infligir a um operário.

Para concluir, a matéria diz que seria necessário extrair algumas lições do que ocorrera: a Oposição de Esquerda era quem representava de fato as tradições revolucionárias do partido, sustentando teoricamente as suas idéias e defendendo praticamente os seus métodos de luta; os burocratas dirigentes eram incapazes de discutir, de sustentar numa discussão livre as suas idéias; eurgia, portanto, reagir contra a "casta infecta de lumpen-burocratas que vêm minando o organismo do partido".<sup>70</sup>

O grupo "Fernando-Alves" não resistiu à repressão de 1935. Víctor Pinheiro foi recolhido ao Presídio Paraíso em 25/11/35, na companhia de João Matheus. Poucos dias antes do movimento de 35, eles organizaram uma reunião do grupo "Fernando-Alves", com a presença de vários companheiros, conforme ata que foi encontrada pela polícia em poder de João Matheus. Essa ata anota a presença de Osório César, detido um pouco antes do movimento de novembro, entre os oposicionistas.<sup>71</sup> A polícia nota que os prisioneiros mantinham constantes ligações com Aristides Lobo e, nos dias que antecederam a Intentona, as mesmas tinham sido intensificadas "no sentido de unirem-se as massas", como fala um relatório policial.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> *A Luta de Classe*. São Paulo, 5 de outubro de 1932.

<sup>71</sup> Prontuário de Osório César, n.º 1.936, v. 1, f. 110. *DEOPS/SP*.

<sup>72</sup> Prontuário de Víctor Pinheiro, n.º 441, v. 1, f. não numerada. *DEOPS/SP*.

João Matheus confessou ser comunista e ter sido preso várias vezes, desde 1928, quando ingressou no PCB. Em 1929 passou para a Oposição de Esquerda. Em 7/11/35 realizou uma reunião ao ar livre, na qual instruiu os participantes sobre o papel de cada um, participantes cujo nome recusou-se a declinar, por não desejar comprometê-los. Também não quis dizer quais foram as instruções por ele dadas, pois eram “segredos da organização”. Seus companheiros Aristides Lobo e Víctor Pinheiro eram, como ele, comunistas, e disse não poder garantir se continuaria ou não na propaganda comunista, dependendo isso das circunstâncias. Matheus confessou, também, que freqüentava os comícios da ANL e que os participantes das reuniões eram recrutados por ele próprio.<sup>73</sup>

Após 15 meses de prisão, Matheus e Pinheiro conseguiram evadir-se em companhia de outros presos. Paulo Emílio de Salles Gomes, companheiro de prisão, avisara Pinheiro de que havia um plano de fuga. Aderira ao plano, em virtude do Estado de Guerra em que se encontrava o Brasil, situação em que estavam suspensas todas as garantias individuais. Corria o boato de que haveria fuzilamentos. Dezoito presos conseguiram fugir por um túnel, de cerca de oito metros de extensão, dando para um quintal próximo ao presídio. Recapturado, Pinheiro declarou-se à polícia como um trotskista convicto, mas como se casara, assumindo encargo de família, não poderia mais se expor às conseqüências de uma vida militante. Por uma questão de dignidade — disse ele —, não negava absolutamente as suas idéias, porém afastara-se do terreno prático e não mantinha filiação ao partido. Embora mantendo o seu ponto de vista, não voltaria à atividade para não prejudicar sua esposa.<sup>74</sup>

Intenções nada convincentes para o delegado de Polícia de Pederneiras, responsável pela prisão de Víctor de Azevedo Pinheiro e sua companheira Silésia Ramos, encontrados na Fazenda São Sebastião, município de Bariri. Pinheiro estava com 32 anos de idade e trabalhava na redação do *Diário da Noite*. O revolucionário trotskista ocultara-se na residência de seu pai, funcionário da prefeitura local. Segundo o delegado de Pederneiras, Víctor "vinha desenvolvendo uma campanha tenaz em prol dos seus ideais, tornando-se por tal fato um elemento nocivo para esta cidade", cuja população compunha-se, na sua quase

---

<sup>73</sup> Relatório policial: “História do Comunismo no Brasil”. Prontuário n.º 37, v. 1, fls. 126-117. *DEOPS/SP*.

<sup>74</sup> Declarações ao delegado de polícia de Pederneiras, em 29/11/37, em: Prontuário de Victor de Azevedo Pinheiro, n.º 441, v. 1, f. 64. *FLBX, CEDEM/UNESP*.

totalidade, "de estrangeiros incultos, colonos das fazendas, aqui existentes, e que pouco a pouco vão se aproximando do terrível indesejável". A coragem do evadido registra-se na descrição policial, trazendo cores à visão esmaecida de militantes homiziados em cidades do interior:

Em espetáculo pró-obras da Santa Casa, aproveitando-se de uma oração sobre caridade, proferida pelo Promotor Público da Comarca, tomou a palavra extra-programa e desancou as autoridades revolucionárias, especialmente com relação ao caso do Rio de Janeiro, da deposição do ex-intendente Octávio Brandão, obrigando-me a cassar-lhe em público a palavra e conduzi-lo à delegacia, dizendo entre outras coisas que não estava longe o triunfo do seu credo; este homem não pode aqui permanecer. /.../ Víctor se comunica constantemente com os elementos comunistas do Rio e São Paulo, tem seu irmão diretor do *Correio de Notícias*, e cuja edição tive há pouco a necessidade de apreender, pela linguagem virulenta contra as autoridades da revolução; visita as fazendas sob o falso pretexto de amparar os colonos aqui domiciliados e vai organizando com jeito a sua tenda de destruição /.../.<sup>75</sup>

Declarações de Víctor Pinheiro prestadas em 18/6/36, quando de sua prisão anterior, traçam trajetória paradigmática de um membro dissidente da LCI — descontando-se, evidentemente, os desvios provocados pelas circunstâncias em que prestava tais informações. Tornara-se comunista em 1930, ingressando, um ano depois, como membro fundador, para a "Liga Comunista Internacionalista (bolcheviques-leninistas)". Na liga, militou ao lado de Mário Pedrosa, Aristides Lobo, João Matheus, Manoel Medeiros, Plínio Mello e alguns outros, obedecendo às linhas políticas traçadas por Leon Trotski, das quais afirmou divergir em 1934, o que teria motivado a sua exclusão da liga. Não deixou, porém, de exercer atividade de propaganda comunista, quase que exclusivamente por conta própria. Para externar suas idéias e propagá-las, vinha fazendo discursos em praça pública, os quais,

---

<sup>75</sup> Apresentação à Delegacia de Ordem Social de Victor de Azevedo Pinheiro, pelo delegado de polícia de Pederneiras. Doc. cit., v. 1, f. 54. *DEOPS/SP*.

entretanto, visavam especialmente ao combate ao integralismo e a uma ampla propaganda pelas liberdades democráticas. Um de seus últimos discursos foi feito no Parque D. Pedro, em fins de 1935, em comício patrocinado pelo Partido Socialista Brasileiro. Acompanhara as atividades da ANL, porém, como "frente única", participando do combate ao integralismo e defesa da democracia. Achava que a "revolução proletária internacional", preconizada pela LCI, resolveria a questão social no mundo. Uma das últimas reuniões da liga na qual tomou parte foi em 34, e nela usou o pseudônimo de "Alves". Pelo seu estado de saúde, tivera de limitar suas atividades políticas. Como companheiros no grupo de oposição à liga, Pinheiro cita tão somente Aristides Lobo e João Matheus<sup>76</sup>, tática evidentemente combinada entre os três camaradas, que negam qualquer conhecimento afora o referente aos outros membros da "trinca", como podemos verificar nos seus prontuários. Nos últimos anos — diz Pinheiro — limitara-se a ser um agitador em praça pública, participando de comícios, ora da ANL e ora do PSB, batendo-se pelas liberdades democráticas, atacando os desmandos do regime. Batia-se por uma revolução imediata dos proletários, embora julgasse que a ANL fora precipitada em tentar efetivar a revolução naquele momento. Como trotskista, assim como os demais companheiros, não apoiou o movimento armado de 35, pois não tinha conhecimento do mesmo, por não manter ligações conspirativas com os aliancistas. Não ignorava que a ANL pretendia implantar no Brasil um Governo Popular Nacional Revolucionário, com Prestes à frente. Como membro da liga, usava muitos pseudônimos e tinha dois misteres: a propaganda legal, que se resumia em tomar parte em comícios públicos, e a ilegal, que consistia em tomar parte em reuniões secretas, nas quais eram estudadas tarefas a serem executadas no campo sindical e operário, tarefas que serviam para educar a massa para a revolução proletária.<sup>77</sup>

Em 3/12/35, Aristides Lobo seguiu Matheus e Pinheiros à prisão, após ter sido acampanado desde o mês de outubro. Com o encarceramento dos líderes do grupo "Fernando-Alves", a polícia prosseguiu suas diligências contra a liga e seus componentes mais jovens, desconhecidos ou pouco conhecidos da polícia paulista.

## Fontes

---

<sup>76</sup> Prontuário de Víctor Pinheiro, n.º 441, v. 1, f. 23. *DEOPS/SP*.

<sup>77</sup> Declarações prestadas à Delegacia de Ordem Social, em 2/12/31. Prontuário n.º 441, v. 1, f. 21.

Jornal . *Homem Livre*, 3/1/34.

Jornal *Diário Nacional*, de 7/7/31.

Jornal *Folha da Noite*, 6/7/31.

Jornal *O Trabalhador Graphico*. Órgão da União dos Trabalhadores Graphicos, ano III, n.º 21. São Paulo, 28 de fevereiro de 1923, p. 1. Microfilme.Fundo ASMOB. *CEDEM/UNESP*.

Jornal *O Homem Livre*, 14/8/33. *CEDEM/UNESP*.

Jornal *A Luta de Classe*, Ano I, V, n.º 14. Rio de Janeiro, 29/7/33; 5/10/1932.

LOBO, Aristides. “Anteprojeto de Estatutos do Socorro Bolchevista-Leninista”, sem data, mas provavelmente referente a 1933. Fotograma existente no *CEDEM/UNESP*.

Prontuário n.º 37, v. 2, doc. 142. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Víctor Pinheiro, n.º 441, v. 1. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Aristides da Silveira Lobo, n.º 37, *DEOPS/SP*.

Prontuário de Jayme Adour da Câmara, n.º 7. *DEOPS/SP*.

Prontuário n.º 217, *DEOPS/SP*.

Prontuário n.º 52. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, n.º 888, v. 1. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Mark Pandarsky, n.º 895. *DEOPS/SP*.

Prontuário de João Menezes, n.º 1.030.

Prontuário de Oscar Rodrigues da Silva, n.º 912.

Prontuário n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado, doc. n.º 22, f. 63.

Prontuário n.º 79. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Luciano Raguna, n.º 1.255, f. 10. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Augusto Pizzuti, n.º 47. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Antônio Brites dos Santos, n.º 58. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Ramon Guerrero Simon, n.º 390. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Mário Pedrosa, n.º 2.030. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Mary Houston Pedrosa, n.º 2.096, doc. n.º 6. *DEOPS/SP*.

Prontuário do PCB, n.º 2.431, v. 4, f. 120. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Domitiliano Rosa, n.º 1.046. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Honório Pinto, n.º 1.263. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Elias Garcia Sanchez, n.º 2.032. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Plínio Gomes de Melo, n.º 385. *DEOPS/SP*.

Prontuário de José Auto Cruz de Oliveira, n.º 4.089. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Affonso Schmidt, n.º 11. *DEOPS/SP*.

Prontuário de Salisbury Galeão Coutinho (Dr.), n.º 163. *DEOPS/SP*.

- Prontuário da LCI, n.º 4.143, v. 1. *DEOPS/SP*.
- "O 'Liberalismo' do Governo". FLBX. *CEDEM/UNESP*.
- O dossiê Romeo. Arquivos secretos. Suplemento Mais! *Folha de S. Paulo*, 4/1/1998, p 3.
- Prontuário de João Gerulaits, n.º 888, 2 volumes. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Oscar Villa Bella, n.º 1440. *DEOPS/SP*.
- Prontuário n.º 4.143, v. 3, f. 25. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Vincenzo Guerriero, n.º 444. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de José Carlos Boscolo, n.º 263. *DEOPS/SP*.
- Dossiê 30-C-1, fls. 892 v.- 891. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de José Oiticica, n.º 860. *DEOPS/SP*.
- Prontuário n.º 860. Ms. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Lívio Xavier, n.º 300. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Osório César, n.º 1.936, v. 1. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Víctor Pinheiro, n.º 441, v. 1. *DEOPS/SP*.
- Prontuário de Victor de Azevedo Pinheiro, n.º 441, v. 1. *FLBX, CEDEM/UNESP*.

## **Bibliografia**

- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. "*Tempos de viver*": *dissidentes comunistas em São Paulo (1931-36)*. Tese de livre-docência apresentada à FHDSS da UNESP, 1998.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Estrangeiros e Ordem Social. São Paulo, 1926-1945. *Revista brasileira de História. Biografia, biografias*. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. ANPUH/Ed. Unijuí, vol. 17, n.º 33, 1997, p.p. 201-238.